

NARRATIVA DAS MULHERES NEGRAS ARTESÃS DO POTY VELHO: SUAS SINGULARIDADES NO ARTESANATO EMPREENDEDOR

Marlene Lima de Carvalho

Graduanda em História pelo PARFOR da
Universidade Federal do Piauí
E-mail: marlenelc63@yahoo.com

Mirian Santos da Silva

Graduanda em História pelo PARFOR da
Universidade Federal do Piauí
E-mail: miriasilva@hotmail.com

Soledade Batista Abade

Graduanda em História pelo PARFOR da
Universidade Federal do Piauí
E-mail: soledadeabad@yahoo.com

Maryneves Saraiva de Arêa Leão Sousa

Orientadora, Especialista em Biopsicologia,
Professora do PARFOR da Universidade Federal
do Piauí
E-mail: maryarealeao@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata sobre as narrativas das mulheres negras artesãs do Poty Velho, dando ênfase às singularidades do artesanato empreendedor, uma vez que a produção artesanal se configura como uma atividade que além de representar a cultural local, contribui para o combate ao desemprego e a pobreza. Nessa perspectiva inúmeras famílias buscam no artesanato uma possibilidade de geração de renda, e a mulher tem desempenhado um papel importante nesse processo, como artesã e empreendedora que participa diretamente da produção, que busca uma organização sistemática e coletiva de trabalho, tendo em vista a obtenção de mercado consumidor e comercialização das peças.

O objetivo desse trabalho é construir narrativas sobre as mulheres negras artesãs do Polo Cerâmico do Poty Velho articulando suas atividades à vida familiar, à vida comunitária e a geração de renda.

Para Silva (2013, p.111) “As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, promovendo experiências distintas na condição de classe e na

vivência da pobreza”, portanto as mulheres negras do Pólo Cerâmico encontram no artesanato uma atividade fornecedora de meios para a própria sobrevivência.

Articula-se esse projeto na tentativa de se estabelecer uma conexão de Teresina com o bairro Poty Velho que é um espaço que guarda memórias individuais e coletivas, pois é originário dos primórdios da transferência da capital da província do Piauí, de Oeiras para a Vila Nova do Poty em meados de 1852. Então é um lugar de referência histórica para a cidade e portanto compreender esse cenário espacial como um pedaço da cidade identificando as mulheres negras levantando o empreendimento artesanal e construindo narrativas a partir do seus próprios depoimentos articulando o artesanato empreendedor buscando a compreensão da possibilidade de geração de renda e enfretamento da pobreza na vida comunitária, eis o nosso desafio. De acordo com Pesavento (2007, p. 15) “Personagens e acontecimentos são sucessivamente reavaliados para ceder espaços a novas interpretações e configurações, dando voz e visibilidade e atores e lugares”.

Como estratégia de pesquisa realizamos uma revisão bibliográfica abordando autores que tratam sobre empreendedorismo, artesanato, mulheres negras, memória e cidade, nos utilizamos de uma pesquisa de campo, onde adotamos o método da história oral, que de acordo Alberti trata de:

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,) que privilegia a realização de entrevista com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (1989, pág. 52).

Para realização desse estudo visitamos o Pólo Cerâmico, identificamos mulheres que se reconhecem como negras e artesãs, que aceitaram em participar da pesquisa. Em seguida realizamos entrevistas, por meio de questionário semiestruturado para melhor direcionar as abordagens de interesse da pesquisa, e a partir das falas articulamos uma narrativa das mulheres negras artesãs do Pólo Cerâmico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No decorrer das falas percebemos que a mulher sempre esteve presente na atividade ceramista, inicialmente se dedicavam apenas a produção de peças utilitárias como pote, filtros e vasos para planta e que com o passar do tempo foram aperfeiçoando e diversificando as peças, com maior valor agregado com as constantes capacitações, como mostra a figura 01 e 02.



Figura 1: Peças Tradicionais (Potes, filtros e jarros) **Figura 2:** Variedades de Peças

Essas mudanças que ocorreram na variedade artesanal estão relacionadas ao sistema de parcerias, que proporcionaram cursos de formação, para o aperfeiçoamento do designer das peças como também para o desenvolvimento do comércio empreendedor.

Esse novo contexto no trabalho das mulheres artesãs teve início com o surgimento da COOPERART, como afirma Raimunda Teixeira da Silva (Raimundinha): “uma cooperativa formada por 39 mulheres, que se dedicavam em olarias, dona de casa, ajudávamos marido na pesca, e que no artesanato encontraram uma forma de se profissionalizar”. Percebemos que as parcerias entre a ACEPOTY (Associação dos Artesãos em Cerâmica do Poty Velho), COOPERART, SEBRAE, Fundação Wall Ferraz, fundação CEPRO, Governo do Estado do Piauí, Banco do Brasil, fundação Rio Parnaíba, Instituto Wall Mart, SENAI, as universidades e faculdades de Teresina, as mulheres aprenderam novas técnicas de modelagem, que antes era dominada pelos homens. Esse sistema de parcerias geraram uma melhoria na produção artesanal e possibilitou inúmeras conquistas das mulheres artesãs, exemplo disso é a coleção que retrata a história das mulheres do

Poty, que foi responsável pelo reconhecimento da COOPERART, como mostra a figura 03.



Figura 3: As cinco mulheres do Poty.

De acordo com as artesãs entrevistadas esse reconhecimento, possibilitou uma maior comercialização das peças e conseqüentemente melhoria na renda familiar, garantindo uma autonomia financeira, possibilitando a realização de alguns projetos de vida e o aumento da autoestima da mulher negra artesã do Poty Velho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos o projeto: Narrativa das mulheres negras artesãs do Poty Velho: suas singularidades no artesanato empreendedor, que através do resgate das narrativas através da oralidade as participantes destacaram em suas falas que é de fato uma atividade individual, coletiva, organizada, que possibilitou mudanças significativas na vida dessas mulheres negras que fizeram do artesanato uma fonte de renda, conquistaram autonomia financeira, reconhecimento do trabalho e a valorização do artesanato.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Francisco Alcides do (org.). **História, Cidade e Memória**. Teresina 150 anos. Teresina: EDUFPI, 2004, p. 15-28.

Form@re. *Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.* Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 4, n. 1, p.123-127, jan. / jun. 2016.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e Memória Individual. In: **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. p. 25-52

LE GOFF, Jaques. Memória. In: **História e Memória**. 5 ed. Campinas,SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419476.

BURKE, Peter. A história como memória social. In: **O mundo como teatro**. Estudos de Antropologia histórica. São Paulo: Difel, 1992, p. 235-251.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos de Pós Graduandos em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1993;

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. BH: a Autêntica, 2003;

BORGES, Maria Eliza L. **História e fotografia**. BH: Autêntica, 2003.

ALBERTI, Verena. **O acervo de história oral do CPDOC**: trajetória de sua constituição. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. 18f (disponível para download em www.cpdoc.fgv.br).

Dossiê Mulheres Negras retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil - Mariana Mazzini Marcondes, Luana Pinheiro, Cristina Queiroz, Ana Carolina Querino, Danielle Valverde (Organizadores) / Brasília, 2013

CRUZ, Renata da Conceição. **Empreendedorismo Social**: uma abordagem sobre a questão de gênero no Brasil. 2007. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In: Revista Brasileira de História, v.27, número 53, jan-jun-2007